

Semanário

# A PROVÍNCIA

Informação • Cultura • Recreio

AVENÇA

Proprietário, Administrador e Editor  
V. S. MOTTA PINTO

Redacção e Administração — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 18 — Telef. 030 4 67  
**MONTIJO**

DIRECTOR  
MOTTA PINTO

Composição e Impressão—Tip. «GRÁFICA MONTIJEENSE» — Telef. 030 0 49 — MONTIJO

*A pior das crises:*

## A CRISE DE CARÁCTER

outras crises. Porque, se se solucionasse a crise a que aludimos, as demais crises estariam automaticamente solucionadas.

A propósito deste tema, e seguindo a mesma linha, de pensamento, um brilhante jornalista português, já falecido, escreveu:

*Mais dura que o choque dos exércitos, mais desconcertante que a anarquia das ideias, mais desoladora que a miséria dos párias, é a angustiada dissolução moral que alastra como o cipó nas florestas virgens.*

*A crise económica, a crise política e a crise social são ape-*

*nas o reflexo da crise de carácter, como vergôntees oriundas da mesma raiz.*

*Se não há uma boa distribuição da riqueza, é porque a ganância dos fortes abafa a necessidade dos fracos; se não há confiança nos acordos, nem segurança nos auxílios, é porque desapareceu o respeito pela palavra comprometida ou fé jurada, se não há lealdade no convívio, nem consideração pelo semelhante, é porque não há dignidade nos intuitos nem seriedade nos processos.*

*Que importa um feito sublime, se a causa é ruim?*

*Que importa um fim nobre, se os meios são vis?*

*Que importa um saber profundo, se é impregnado de malignidade?*

*Que importa um alto posto num estabelecimento científico ou numa academia, se o brio anda apegado às solas e o cérebro subordinado ao abdómen?*

*Que importam os louvores ou os vitupérios, as edificações ou as críticas, as falas de mel ou apóstrofes violentas, se vêm assoprados pela especulação?*

*As tradições dos maiores, as ruínas dos castelos e as quinas dos pendões são palavras que afloram à boca, mas não descem ao coração.*

*Com efeito, o que significa hoje para a grande maioria um Egas Moniz? O símbolo da lealdade, o espelho da honradez, o crisol da virtude? Não, apenas um ingénuo, que, em vez de jogar habilmente nos dois lados, jogou ineptamente num só.*

*O que significa hoje para muitos um Infante D. Henrique? A mente que rasgou as trevas, disciplinou as correntes e espalhou a civilização? Não, simplesmente um visionário, afortunado da sorte, que acertou por acaso.*

*O que significa hoje para tantos um Nun'Alvares? O guerreiro audaz, o espírito gentil que fez do altar da sua pátria o altar da sua crença? Não, tão somente um fanático que saiu a cumprir um voto de penitência e regressou tranquilamente ao seu convento.*

Seisdedos Branco

(Conclui na pág. 2)

(Conclui na pág. 2)

## A VIDA

A Vida foi a coisa mais bela que Deus deu aos homens; estes é que a não sabem viver e alindar. Fazem dela um sumário de complicações que a tornam, na maioria dos dias, enfadonha e indesejável. Talvez porque Deus soubesse, antes de no-la dar, que os homens a não compreenderiam e complicariam, é que tivesse criado a Morte, irmã-gêmea da Vida, para acabar com todas as ilusões e desilusões que nós cultivamos sem razão.

É natural que elas façam parte integrante deste caminho a que todos temos de obedecer; mas, se evitássemos reveses, muitas vezes imaginários e criados inocentemente por nós, as estradas talvez não fossem tão íngremes e os escolhos fossem menos.

O homem, já por hereditariedade, faz da vida um desengano e uma saudade, certamente para que os olhos, espelhos da alma, andem sempre taciturnos, em busca daquilo que não existiu.

Se Deus nos deu tantas maravilhas, para que não aproveitá-las o melhor possível, porque não ajudar o nosso Criador a alindar o mundo. Se a passagem por esta Terra é breve, e é simplesmente uma preparação e um simples estágio para que melhor possamos estabelecer a diferença entre esta e a eterna, façamos tudo para que assim aconteça.

Deus deu aos homens a variedade dos pensamentos, a luz da inteligência, para que

possam progredir infinitamente as evoluções sociais e que se ergam sempre novas gerações. que morrem.

Nos folguedos da vida adormece-se o coração, como se cansa e enfatua no retiro isolado e solitário.

Os brinquedos inocentes da infância são substituídos e censurados pela preconceição, mais ou menos orgulhosa, que do seu trono de esperanças solta a adolescência para o futuro.

Mas, moldurada essa romântica pintura de sonhos nos conhecimentos do mundo, os anos que se seguem aos do fogo e do amor, essa idade em que as paixões pulam com o sangue, o homem cai então das fantasias, na verdade, e chora pelos dias de criança, como chorou nessa época para poder chamar-se homem.

A religião que professamos incita-nos à fraternidade, à caridade e abnegação. Contudo, o rico nem sempre acarinha o pobre, assim como o madraço não sente o respeito devido pelo rico e só tenta despojá-lo e trocar as sortes.

E acerca de Caridade muito teríamos que falar. Digamos apenas que o Homem, em todas as épocas, tem aplaudido o suplício do seu semelhante que se desvia do bom caminho, e enquanto meia humanidade chora, outra diverte-se.

Tudo no mundo anda em contínua contradança. Porque?... Tudo porque da vida não cuidamos, aquela vida que Deus nos deu e a deixamos afundar entre as belezas que encerra o Mundo e que alguns chamam enormidades sociais e que fazem com que o género humano seja sujeito à duplicada influência do tempo e da sua própria actividade.

É pena que todos os olhos humanos não vejam a Vida por um prisma ampla e profundamente consciente, pois só assim o pesado fardo que ela constitui para muitos se tornaria mais leve. mais digna de ser considerada uma preciosa dádiva do Criador.

## TERRAS DE PORTUGAL



DORNES, uma pitoresca povoação nas vizinhanças de Ferreira do Zêzere.

# RESIDÊNCIAS PARA PROFESSORES DE TODO O MUNDO NO PAÍS DAS FLORES, DOS MOINHOS E DAS BICICLETAS

(Conclusão da primeira página)

rurais tem sido, por vezes, objecto de largos debates, dele se ocupando constantemente a imprensa, incluindo os grandes diários.

Ainda, recentemente, o «Século» abordou o assunto, com grande clareza, dando-lhe o relevo que, de facto, merece.

Tem-se construído em todo o país muitos milhares de escolas, encontrando-se quase todas as terras dotadas de magníficos edifícios; mas o problema da residência dos professores continua por solucionar.

Ao lado de cada edifício escolar, nos meios rurais, devia erguer-se a respectiva residência dos professores, dotada, em nosso entender, com o mobiliário mais indispensável, embora modesto.

Parece-nos que o assunto não seria muito difícil de resolver na nossa região, com um pouco de boa vontade.

Há pouco, quando da inauguração da luz eléctrica nas povoações da Lomba e Nogueira, o ilustre governador deste distrito (Coimbra), sr. engenheiro José Horácio de Moura, ao pronunciar o seu

discurso, declarou que dispunha de 15 contos para cada residência de professores que viesse a construir-se, incitando as colectividades ou as autarquias locais a tomarem essa iniciativa.

Julgamos que, com mais 10 contos, se poderia construir uma casa modesta, mas decente, para o fim em vista, o que não seria um dispêndio incomportável.

Porque não lançar ombros a essa magnífica ideia?

Algumas colectividades regionais, estão, é certo, a braços com obras importantes que lhes absorvem todas as suas receitas. Merecia a pena, no entanto, mais um sacrifício, para não se perder a oportunidade de levar a cabo uma obra que, como de início dissemos, não é das de menor importância, antes se impõe, a bem da instrução nas nossas aldeias, tão carecidas de bons e dedicados professores.

Também as Câmaras e as Juntas de Freguesias poderiam promover essas construções, cobrando, como compensação, o respectivo aluguer.

Há, na verdade, necessidade de se encarar a sério este problema.

Impressionam-nos sempre as notícias vindas até nós de escolas que se encontram encerradas, por falta de professores, jamais numa época em que o ensino se tornou obrigatório. Igualmente nos impressiona ouvir constantes e amargos queixumes de professores à cerca das condições em que se encontram alojados, para mais em meios completamente desprovidos de recursos.

Essão essas impressões desagradáveis, colhidas quase diariamente, que nos sugerem estas considerações, que bem desejaríamos fossem devidamente ponderadas por todos aqueles que tanto se interessam pelo engrandecimento das suas terras, sem esquecerem o problema da instrução.

(Do «Jornal de Arganil»)

## A CRISE DE CARÁCTER

Conclusão da primeira página

*Segue-se, portanto, que é urgente radicar bem a noção de que, para se ser alguém nesta vida e, principalmente, para orientar, dirigir ou fiscalizar a própria execução, é preciso, acima de todos os predicados e ornatos, ter um carácter.*

*Que isto não livra, porventura, da malsinação das intenções, da rede das calúnias e do assalto à bolsa ou aos direitos. Mas os precedentes dão sempre uma certa imunização contra o ataque.*

*E, sobretudo, é preciso ter presente que pior do que a crueldade do instinto é a doblez de carácter, pior do que a violência da linguagem é a malícia da deslealdade e pior do que o gume dum cutelo é o punhal da traição.*

Nesta grande planura onde não há montanhas, nem serras, nem colinas, nem outeiros a prenderem-nos a vista—pelo menos nesta parte da Holanda que conhecemos—são os moinhos, os lendários moinhos holandeses, aquilo que, na paisagem, atrai o nosso olhar, aquilo que quebra a monotonia dos quilómetros e quilómetros de terra plana, esta boa terra de um verde tenro de pastagem farta, mosqueada, aqui e além, pelos tufo negros e brancos das vacas leiteiras. Dizem-nos—e nós acreditamos, tantos são os que temos visto—que há para cima de um milhar de moinhos de vento num território que mede apenas uns trinta mil quilómetros quadrados.

Tentação dos pintores de todos os tempos e dos fotógrafos dos tempos modernos, os moinhos não são aqui do mesmo feitio que no nosso país. Têm quatro «asas» de madeira gradeada, coberta em parte ou no todo pela vela do pano forte, e são de onze ou mais tipos diferentes, mas cada um deles é desigual, dentro do seu próprio tipo. Parecem-nos enraizados na terra apenas para dar beleza e encanto à paisagem e contudo são muito úteis. Servem para mover as máquinas de serrar madeira e para moer os cereais, há os descascadores de arroz ou de pimenta e há ainda os que extraem, das sementes, os óleos comestíveis. A maioria, porém, cerca de setecentos, tem um papel (ou pelo menos tinha) muito mais importante: levar as águas das chuvas, por meio de grandes e pequenos canais, para o mar, que, numa grande parte do território, está muitos metros acima do nível do solo. Mas porquê tantos moinhos? Porque o vento, sem peias que o detenham, sem montes nem montanhas que lhe quebrem o furor, sopra com impetuosidade quase todo o ano e faz girar veloz e gratuitamente todas estas graciosas velas, muito diferentes, na verdade, das que se vêem em Portugal, mas iguizinhas às que encontramos (será mais outra influência flamenga?) e tanto nos encantaram, quando na nossa primeira visita aos Açores.

O mais antigo tipo de moinho aqui conhecido parece ser o de eixo simples, que serve para moer o trigo. O vento faz girar todo o engenho em volta de um «pivot» central, que, por sua vez, rola as duas mós. É usado principalmente nas províncias do sul. Do mesmo tipo é o «paltro», pois também gira em bloco à volta de um «pivot». É usado nas serrações e construído de madeira, julga-se que tira o nome do formato, que lembra uma saia rodada, semelhante às que usavam as mulheres do Palatinado alemão quando, há séculos, se instalaram no país. Com o andar dos tempos houve necessidade de maior aproveitamento dos ventos. Surgiu então o modelo em que

apenas a parte superior do engenho tem movimento giratório. É, geralmente, de forma octogonal, construído de madeira ou de tijolos e, muitas vezes, coberto de colmo. Há sítios, no entanto, em que o vento sopra mais no alto—principalmente junto dos grandes aglomerados—e houve que colocar o engenho mais alto. Surgiu, assim, o modelo «de galeria», que serve para todos os fins. A galeria pode ser construída em tijolo ou em terra batida, como se se tratasse de um outeiro artificial. A parte superior, quase sempre também octogonal, é de madeira e o movimento giratório das asas e da calote apoia-se no tecto da galeria. Há um outro modelo, que serve para triturar grãos e forragens e se assemelha muito ao português. É redondo, quase sempre pintado de branco e tem as mesmas airosas janelinhas dos nossos. Há ainda um modelo das grandes cidades, construído geralmente sobre as velhas muralhas, de onde tira o nome de «moinho-muralha». É redondo, construído em tijolo vermelho e com um lindo desenho de madeira entrançada que serve de suporte à varanda, também de madeira, que o circunda, a meia altura. Em compensação, o «moinho-torre» é baixo, atarracado, malfeitão, no meio dos seus tão belos irmãos.

O mais bonito de todos os modelos—pelo menos esta é a nossa opinião pessoal—julgo que se chama «moinho-baloço». Destinado a esgotar as águas da chuva, que leva ao mar por um complicado sistema de canais, é formado por dois corpos distintos, um, bem assente no solo, largo na parte inferior e estreitando para a superior, outro, o moinho propriamente dito, mais largo do que a parte onde assenta, o que lhe dá uma silhueta muito curiosa. O girar das velas faz accionar uma espécie de baloço, que, à semelhança dos alcatruzes das nossas noras, embora por diferente processo, eleva as águas. Há ainda outros modelos para esgotar as enchentes, mas talvez menos bonitos. Evidentemente, muitos desses moinhos já não funcionam, pois está o processo ultrapassado por modernos sistemas de bombagem, mas sempre nos tempos passados se mostraram eficientes.

Talvez perguntemos que ideia é esta do povo holandês—pelo menos, da maioria do povo holandês—de viver no espaço que pertence de direito aos peixes. O assunto é complicado. Sempre lhe direi, porém, que desde há muitos séculos o holandês vem roubando terreno ao mar, para compensar a falta de espaço vital. Para mais, esse terreno lodoso é do mais fértil que se conhece. Este aproveitamento do espaço destinado às águas do mar representa, assim, um esforço gigantesco de muitos séculos. O processo é simples. De uma ponta

de mar começa por fazer-se um lago, construindo-se um, dois ou três altos diques que liguem as duas margens. Sobre os diques constroem-se logo estradas. Depois, por vários sistemas de bombagem—cada vez mais aperfeiçoados—esgota-se o lago e no seu lugar constroem-se aldeias, vilas, até cidades. O terreno nacional vai, pois, sempre aumentando e o homem orgulha-se de vencer o mar. Mas o inimigo é rancoroso e por vezes tira a sua desforra; assim, em 1 de Fevereiro de 1953, durante uma horrível tempestade em que alguns diques cederam, todos os modernos processos e construções foram impotentes para conter a vingança do mar. E o balanço dos mortos deu o pavoroso número de perto de dois mil. Mas os mortos foram enterrados e a conquista do mar continua e continuará como se nada se tivesse passado. E as estradas, estas curiosas estradas em que vemos os casais e os campos lá em baixo (em alguns casos a estrada passa acima do nível dos telhados) continuarão a ser construídas; os «polders» serão cada vez em maior número—cobertos por estufas para flores caprichosas ou de pastagens para vaquinhas de olhar melancólico; os canais continuarão a mostrar-nos as casas, as árvores, as pontes como que reflectidas num espelho sem fim.

E como tudo tem a sua poesia nesta terra de poesia delicada, os moinhos possuem linguagem própria e lá nos dizem se o dia é de tristeza—moinho sem velas e com as asas paradas em forma de cruz—ou dia de grande alegria—com as velas postas e as asas também paradas mas em forma de X. E sempre que voltamos de um passeio fora da Haia já nos parece um amigo este moinho tão deliciosamente colorido que aqui, ao entrar na cidade, nos dá como que as boas-vindas e nos diz que é a altura de começarmos a vestir os abafos e desembarcar para mais uma semana de trabalho.

NOÊMIA G. FARIA

## Câmara Municipal de Montijo Venda de lixos e dejectos

Faz-se público que, até ao dia 7 do próximo mês de Março, pelas 17 horas, se recebem propostas, em envelopes lacrados, para a venda de lixos e dejectos provenientes da limpeza desta Vila, em 1960, sendo a base de licitação de 20.000\$00.

Montijo, 12 de Fevereiro de 1960.

O Presidente da Câmara,  
a) José da Silva Leite

## QUARTO

Na Praça da República, aluga-se com pensão a uma ou duas senhoras. Informa nesta redacção.

## O PROFESSOR NA ALDEIA

«... Temos observado muitas vezes os agentes de ensino—englobamos nesta expressão as regentes escolares—a braços com situações de maneira nenhuma compatíveis com a sua condição e com a importância do seu cargo, ao pretenderem instalar-se nas aldeias em que se colocaram. Por falta de casas com os indispensáveis requisitos, resignam-se ao abrigo precário de verdadeiras choupanas, sem conforto e sem dignidade, à hospitalidade de famílias boas, à residência em locais distantes. Privações, humilhações diárias e incómodas caminhadas, eis o que o magistério oferece a quem o serve e se lhe dedica, por essas aldeias fora, eis o que espera tantas senhoras nascidas, criadas e educadas em ambientes acolhedores de vilas e cidades.

Por muito tenaz que seja a vontade, por muito fortes que sejam a vocação para o ensino e o espírito de abnegação, o desalento não se fará esperar e elas vão, logo que podem, em busca de melhores locais e menos duras condições de vida.

Daqui resulta a debandada das escolas mais mal situadas e, porque o número de professores não chega para as necessidades, as longas privações de ensino a que muitas povoações, de vez em quando, ficam sujeitas.

(De «O Século»)

## Professor licenciado

Com prática de ensino liceal; dá explicações de Matemática. Av. D. Nuno Álvares Pereira, 43, 1.º—Montijo.

# VIDA PROFISSIONAL

# MONTIJO

# AGENDA ELEGANTE

## Festas de S. Pedro

As senhas «Pró-Festas» premiadas, com referência ao mês de Janeiro, foram as seguintes: Casa Serra, 5.696; Papelaria Alvantília, 3.731; Casa Gabriel do Carmo, Ld.ª, 10.633; Salão Amélia, 1.401; Cine-teatro, 1987.

No mês em curso colaboram nesta iniciativa as seguintes entidades:

Ancosfer, Casa das Vergas, Representações «Tamarca, Ld.ª», Empresa do Cine-Teatro e ainda Salão Lucas e a Papelaria Rádio, com senhas surpresa.

Já vão bastante adiantados alguns trabalhos com vista às próximas Festas. Foram aprovadas as maquetas das ornamentações e contratadas as sessões de fogo, cujos trabalhos, a exemplo dos anos anteriores, foram confiados às categorizadas firmas Viúva de Constantino Lira e António J. Fernandes & Filhos.

A Comissão está a trabalhar em profundidade, no sentido de assegurar dois números que, por motivo de força maior, não foram apresentados no passado ano: trata-se da Batalha de Flores e da Marcha Luminosa.

Esta notícia vai, certamente, encher de contentamento todos aqueles que se interessam pelas nossas Festas e pelo seu melhor êxito.

A Comissão já conta com algumas inscrições de carros e aguarda respostas solicitando colaboração nestes números, considerados indispensáveis nas Festas de S. Pedro.

Que toda a população preste a sua melhor ajuda à Comissão, é o melhor desejo do nosso jornal. Amparando-se a Comissão, dando-lhe a colaboração que, de justiça, deve ser dada, será possível manter o brilhantismo que deu fama às nossas Festas, hoje consideradas das melhores que se realizam em todo o País.

Em próximos números iremos informando os leitores de outras actividades que estão sendo levadas a cabo pela Comissão das Festas de S. Pedro.

## Câmara Municipal de Montijo

### Resumo da acta de reunião ordinária de 10 do corrente

Presentes: Os Srs. José da Silva Leite, Presidente do Município, e os vereadores Srs. Rodrigo dos Santos Rodrigues, Joaquim da Fonseca Júnior, Joel Cid Navarro Rodrigues, Joaquim Brito Sancho e Dr. Rogers Paracana. Secretário: o Sr. José Maria Mendes Costa, chefe da secretaria.

Foi deliberado deferir requerimentos:

- De licenças de construção e de utilização;
- De concessão de terrenos no Cemitério Municipal desta vila; Outras deliberações:
- Abriu concurso de provimento do lugar de fiscal de obras;
- Ceder um terreno à Federação das Caixas de Previdência para um posto dos Serviços Médico-Sociais;
- Adquirir lençóis e mantas para a Cadeia Comarcã;
- Encarregar uma comissão de três vereadores para diligenciarem a aquisição de terreno para a Escola Industrial e Comercial de Montijo;
- Submeter à apreciação do urbanista a proposta da Secção Técnica relativa à urbanização do Alto Estanqueiro e zona da estrada do Samouco;
- Comemorar o V Centenário da morte do Infante D. Henrique com a realização de uma conferência;
- Insistir na solicitação para que seja criada na vila uma esquadra de Polícia;
- Por em arrematação, novamente, a venda de lixos;
- Adjudicar dois lugares de venda vagos no Mercado Central;
- Tomar conhecimento de que o médico municipal Dr. Campos Trindade atingiu o limite de idade e exarar na acta um voto de louvor pela sua notável acção como funcionário e homem público, que se impôs à consideração e estima da população deste concelho.

## Lutuosa

Na segunda-feira, dia 8 do corrente, faleceu em Montijo, de onde era natural, o sr. Manuel Aranha Fernandes, de 39 anos, comerciante, filho do sr. Manuel Aranha.

O extinto era casado com a sr.ª D. Maria da Conceição da Silva Damas e pai de Manuel da Silva Damas Fernandes. Desde muito novo se dedicara ao comércio de balcão, tendo desde logo conquistado boa simpatia e amizade nos estabelecimentos onde fora empregado.

Mais tarde, já trabalhando por conta própria, estabeleceu a Pensão Regional, «Casa dos Caracóis», onde revelou espírito empreendedor, a par de grande actividade.

O seu funeral, que se realizou no dia seguinte — terça-feira, dia 9 — teve numeroso acompanhamento, constituído principalmente por numerosos amigos, para o nosso cemitério local.

A descl.ª viúva e restante família, «A Província» endereça os seus sentidos pêsames.

Faleceu nesta vila, no pretérito domingo, dia 14, o Sr. António Leonardo da Silva, de 79 anos, natural de Ferreira do Zêzere, casado, antigo carpinteiro de construção naval.

O extinto, nosso estimado assinante, era casado com a Sr.ª D. Isabel Maria Alexandrina da Silva e pai dos Srs. Francisco António da Silva e Manuel António

## Trespasa-se

CASA DE VINHOS E COMIDAS, com habitação e adegas. Trata-se na Rua Almirante Reis, n.º 76. Telef. 030134 — Montijo

## BANDA DEMOCRÁTICA 2 DE JANEIRO

Esta prestimosa colectividade musical e recreativa montijense, que já conta 46 anos de existência, reuniu há pouco, com vasto número de sócios, em assembleia geral ordinária, para eleição da nova gerência de 1960, com o seguinte resultado:

Mesa da Assembleia Geral — Presidente, Dr. António Gonçalves Rita; Secretários, Lúcio Lopes Júnior e José Gomes da Costa Lopes.

Direcção — Presidente, António Luís Ferreira Muchacho; Vice-presidente, Domingos Moreira Júnior; 1.º Secretário, Eduardo dos Santos Baeta; 2.º Secretário, António Joaq. Castanheira Futre; Tesoureiro, António Júlio Brandão Costa e José da Silva Carreira.

Conselho Fiscal — Presidente, Júlio Faria; Secretário, Francisco Barreiras; Relator, José de Sousa Martins.

Cumprimentando os eleitos, apresentamos-lhes votos de feliz gerência, a bem dos destinos desta simpática agremiação.

## Desastre

Na última segunda-feira, dia 15 do corrente, ocorreu na estrada nacional, na área do Afonsoeiro, um acidente de viação que atingiu duas pessoas muito estimadas em Montijo e terras limítrofes.

Cerca das 12.30 horas, Rui Manuel dos Santos Martinho, de 38 anos, casado, electricista e comerciante nesta vila, ao regressar do Barreiro, por afazeres da sua vida profissional e que conduzia o carro ligeiro BD-54-87, sofreu choque com uma carroça conduzida por António Luís da Silva, de 58 anos, casado e proprietário, residente no Alto Estanqueiro, igualmente deste concelho, aonde se dirigia.

Atribui-se, como causa deste desastre, o facto de o animal que conduzia, por ter medo do comboio que no momento passava, fugir para o lado esquerdo, indo embater na furgoneta, que na ocasião se aproximava.

Desse acidente resultou fractura do crânio ao motorista e avarias no veículo por ele conduzido, bem como o condutor da carroça ser cuspidado do carro e ficar magoado.

Os sinistrados foram de seguida transportados ao nosso Hospital Sub-Regional e ali observados pelo Sr. Dr. João Filipe Barata, transitando o primeiro para o Hospital de S. José, de Lisboa, onde sofreu, na madrugada de terça-feira, 16, a necessária operação de trépano, e ficando o Sr. António Luís da Silva internado, para observações, no Hospital desta vila.

Pelas informações obtidas ultimamente, constava que o sinistrado Rui Martinho estava em estado satisfatório, tendo tido alta o interveniente António L. da Silva na manhã de quarta-feira, do Hospital de Montijo.

Lamentamos profundamente este acidente, que muito impressionou as famílias das vítimas e a população montijense, visto ambas serem pessoas que gozam de gerais simpatias no nosso meio.

Tomou conta da ocorrência a P. V. T. de Montijo.

da Silva, benquistado comerciante nesta vila e proprietário da Casa Sam, em Montijo e Évora.

O seu funeral efectuou-se na segunda-feira, 15, com numeroso acompanhamento de pessoas amigas do falecido e sua família, para o cemitério desta vila.

A Ex.ª viúva e filhos do extinto, bem como aos seus familiares. «A Província» apresenta sentidas condolências por tão doloroso transe.

## Aniversários

### FEVEREIRO

#### Fizeram anos:

No dia 14, completou 30 anos de idade o nosso prezado assinante Sr. Emídio Gomes Manhoso.

— No mesmo dia, per fez 29 anos o Sr. Francisco Miguel Pereira, filho do nosso estimado assinante Sr. Miguel Pereira, proprietário da antiga Adega Cabaço, da Baixa da Banheira.

— No dia 17, completou 6 anos o menino Mário Fernando Pialgata Lucas, filho do nosso prezado assinante Sr. Mário Nogueira Lucas, do Samouco.

— Em igual dia, per fez 44 anos a Sr.ª D. Rosalina Maria Farinha, esposa do nosso estimado assinante Sr. Flaminio Joaquim Farinha.

— Também na mesma data, completou 10 anos de idade a menina Maria da Conceição Barão das Neves, filha do nosso prezado assinante Sr. Manuel Pedro das Neves.

— Ainda no mesmo dia, completou 12 anos de idade a menina Hermínia Alves Tormenta, filha do nosso dedicado assinante Sr. Abílio Gonçalves Tormenta Júnior.

— De igual modo, nesse dia, o menino Silvano da Costa Saraiva, filho do nosso prezado assinante Sr. António Paulo Saraiva.

#### Fazem anos:

— No dia 18, o Sr. Alfredo da Costa Carvalho, filho do nosso estimado assinante Sr. João Nunes de Carvalho.

— No mesmo dia, o menino José Carlos Gouveia Ricardo, filho do nosso estimado assinante Sr. Antão José Ricardo.

— Na mesma data, o Sr. José Júlio Grilo Cardoso, conceituado industrial de barbearia nesta vila e nosso dedicado assinante.

— No dia 19, o Sr. António José Martins Barros, filho do nosso estimado assinante Sr. José Martins Barros.

— No dia 20, completa 31 anos o Sr. José Marques Gervásio, nosso estimado assinante.

— No dia 21, a menina Helena Sabino Bernardes, sobrinha da nossa dedicada assinante Sr.ª D. Laura Bernardes.

— No mesmo dia, completa 30 anos o Sr. José Paulo da Silva Futre, nosso estimado assinante.

A todos os aniversariantes e suas famílias apresentamos as nossas felicitações.

## Agradecimento

### Carolina Amélia Manhoso

Suas filhas, Joaquina Adelaide Gregório, Custódia Rita Gregório, genros e netas, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que acompanharam a sua querida e chorada mãe, sogra e avó, à sua última morada.

## Vende-se

Carroça, carro de bois e rodas de ferro sobresselentes das mesmas. Motor a gasolina «Balford» 2 C.V. e ligado com correntes de tirar água. Barricas de 100 l e 200 l. Latões grandes e fortes, moinho de vento grande, tira água e tem dois casais pedra de moagem. Prensa para torresmos, etc. Informa nesta Redacção.

## Vendem-se

No Afonsoeiro, 2 moradias, sendo uma para comércio e habitação. Informa na Rua da Barrosa, 39, ou pelo Telef. 030494 — Montijo.

## Médicos

### Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 horas  
Rua Bulhão Pato, 14-1.º  
Telef. 030 2 45 — MONTIJO

Consultas em Sarilhos Grandes às 9 horas, todos os dias, excepto às sextas feiras.

### Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11

Das 10 às 13 e das 15 às 18 horas.  
Telef. 030 2 56 — MONTIJO

### Dr. A. Gonçalves de Azevedo

Médico-Especialista

Boca e Dentes — Prótese

Consultas às 3.ªs, 5.ªs e Sábados: das 14 às 17.30 e das 19.30 às 21.30 h. — 2.ªs feiras, das 14 às 21.30 h.

R. Almirante Reis, 134 — MONTIJO

## Instituto Policlínico Montijense

Rua Bulhão Pato, 18

Consulta de Ouidos, Nariz e Garganta

## Dr. Emílio Alves Valadares

Todos os sábados, às 9 horas

Análises Clínicas

### Dr.ª Maria Manuela Quintanilha

Todos os dias, às 10,30

Consulta de Oftalmologia

### Dr. Elísio Morgado

Quintas-feiras, às 14 horas

Consultas de Ginecologia

## Dr.ª Isabel Gomes Pires

3.ªs e 6.ªs feiras, às 16 horas

## Médicos Veterinários

### Dr. Cristiano da Silva Mendonça

Av. Luís de Camões — MONTIJO  
Telef. 030 5 02 — 030 4 65 — 030 0 12

## Parteiras

### Armanda Lagos

Parteira-Enfermeira

PARTO SEM DOR

Ex-Etagiária das Maternidades de Paris e de Strasbourg.

De dia — Rua Almirante Reis, 72  
Telef. 030 0 38

De noite — Rua Machado Santos, 28  
MONTIJO

### Augusta Marques Charneira

Parteira - Enfermeira

Diplomada pela Faculdade de Medicina de Coimbra

R. José Joaquim Marques, 231  
Telef. 030 5 56 — MONTIJO

## Telefones de urgência

Hospital, 030 0 46  
Serviços Médicos Sociais, 030 1 98  
Bombeiros, 030 0 48  
Táxis, 030 0 25 e 030 4 79  
Ponte dos Vapores, 030 4 25  
Polícia, 030 4 41  
G. N. R., 030 0 01

## AGENDA UTILITÁRIA

### Farmácias de Serviço

#### FEVEREIRO

- 6.ª feira, 19 — MONTEPIO  
Telef. 030 0 35
- Sábado, 20 — MODERNA  
Telef. 030 1 56
- Domingo, 21 — HIGIENE  
Telef. 030 3 70
- 2.ª feira, 22 — DIOGO  
Telef. 030 0 32
- 3.ª feira, 23 — GIRALDES  
Telef. 030 3 08
- 4.ª feira, 24 — MONTEPIO  
Telef. 030 0 35
- 5.ª feira, 25 — MODERNA  
Telef. 030 1 56

### Boletim Religioso

#### Vida Católica

#### Horário das missas

#### FEVEREIRO

- 5.ª feira, 11 — às 8,30; 9 e 18 h.
- 6.ª feira, 12 — às 8, 8,30 e 9 h.
- Sábado, 13 — às 8, 8,30 e 9 h.
- Domingo, 14 — Na Igreja da Misericórdia, às 8 h.; na Capela do Afonsoeiro, às 9 h.; na Igreja Paroquial do Samouco, às 9 h.; na Igreja Paroquial de Montijo, às 10, 11,30 e 18 h.; no Santuário da Atalaia, às 10,30 h.; e, na Jardía às 16 h.

# DESPORTOS

## Falando de NATAÇÃO

por Brsá Mansinho

II

O estilo de peito, encontrou e encontra ainda muitos adeptos, como sendo o estilo verdadeiramente científico para o ensino. Os ingleses e alemães foram os seus grandes propagandistas, encontrando mais tarde nos franceses rígidos seguidores.

Posteriormente, já se mencionava um estilo de «Cachorrinho», parecido ao «crowl» dos nossos dias. Depois veio então o «crowl» australiano em 1902, com Dick Cavill nadando as cem jardas em 58''2/5.

Logo depois, os americanos, sempre aperfeiçoando, grandes mestres da propaganda, tomaram o já famoso «crowl» australiano e introduziram-lhe algumas modificações, que mais tarde viria a formar o célebre «crowl» americano, que tantas glórias desportivas levou para os Estados Unidos. Em todos os países do Mundo, onde a educação física é motivo de atenção dos poderes públicos e das instituições populares e particulares, a natação vem ocupando lugar destacado.

A largos passos, a natação vem, pois, tomando a dianteira entre as actividades da educação física.

Nos últimos anos os japoneses procuraram aperfeiçoar o «crowl» americano, modificaram-lhe alguns detalhes, especialmente na braçada.

Durante os anos que precederam a Olimpíada, tudo no Japão era dedicado e preparado para a vitória. Os Japoneses aprenderam e venceram.

(Continua)

## CURIOSIDADE linguística

Como curiosidade, oferecemos hoje aos nossos prezados leitores a que vai ler-se e que prova até que ponto os linguistas conseguiram «pôr» em actividade a sua inteligência e a sua perspicácia.

Assim, apoiando-nos no verbo *pôr*, temos que:

A galinha	põe
O homem	propõe
O vaidoso	antepõe
O operário	compõe
O teimoso	contrapõe
A testemunha	depõe
O químico	descompõe
O industrial	expõe
O estado	impõe
O intriguista	indispõe
O intronetido	interpõe
O ajuizado	repõe
O orgulhoso	sobrepõe
O caluniador	supõe
O ladrão	transpõe
O viajante	ultrapõe
E... Deus	dispõe.

## Futebol

### CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO

Montijo, 1 - Beja, 4

O mau jogo dos locais, justifica o resultado

Pelo nosso redactor Artur Lucas

Os bejenses iniciaram a partida, como era de calcular, com grandes cautelas defensivas, pelo que os Montijenses, desde o início, carregaram sobre o campo adversário, não conseguindo, no entanto, romper a sua bem organizada cortina defensiva adversária.

Apesar de haver domínio, Redol foi o primeiro guarda-redes a entrar em acção, mercê dos contra-ataques, bem organizados, dos forasteiros.

Nesta toada, se desenrolou toda a primeira parte, conseguindo os bejenses marcar aos 40 minutos, por Antonete, em nítida posição de fora de jogo, resultado esse com que terminou o primeiro tempo.

Madaleno, defesa esquerdo dos visitantes, a determinada altura do jogo, contraíu lesão, actuando manifestamente inferiorizado; pois nem essa inferioridade os visitados souberam explorar.

Defesas, médios e avançados, actuaram francamente mal; mal demais para ser verdade.

Não houve organização, colocação, espírito de equipa. Houve, sim, espírito de luta, nada mais.

No segundo tempo, Madaleno passou para extremo esquerdo, por motivo da lesão, que já apontamos atrás.

\* \* \*

Nesta parte, *toda a minha gente* veio para o ataque, na sofreguidão de recuperar a desvantagem. Mas o Beja, moralizado, e afoitando-se mais ao ataque, ia pondo cada vez mais em perigo, a baliza de Redol, onde o fracasso da defesa era notória, pois encontrava-se desamparada, por falta de recuperação dos companheiros a quem isso competia.

Só assim se tornou possível que os bejenses construíssem, fácil e naturalmente, uma vitória, que, possivelmente, não estaria nas suas previsões.

Pode-se dizer que os locais não tiveram sorte, em certos lances de golo e até mesmo uma bola à barra; mas, o que não é menos verdade é que os adversários também tiveram lances de azar.

No segundo tempo, marcaram os golos: Vaz, aos 9 minutos; Antonete, aos 19; SANTANA (?), aos 23; e, finalmente, Marcelino, aos 43.

Nos montijenses, além do espírito de luta, pouco há a dizer, mais do que já dissemos, a não ser que foram os únicos culpados do desaire sofrido.

Dos bejenses, salientamos o bom trabalho de Antonete,

Marcelino e, bem assim, toda a equipa.

A arbitragem seria boa, se não fosse o senão de não ter assinalado o fora de jogo que precedeu o primeiro golo do Beja.

As turmas, alinharam:

MONTIJO - Redol; Serralha e Valentim; Santana, Pinto e André; Barriga, Garroa, Arsénio, Aleixo e Manuel Luís.

BEJA - Rosa; Samira e Madaleno; Honório, Pacheco e Apolinário; Antonete, Marcelino, Bacala, Vítor e Paz.

Arbitrou o sr. Rogério Melo e Paiva, de Lisboa.

## CLUBE DESPORTIVO DE MONTIJO

Eleição de novos corpos gerentes — 2.ª Assembleia Geral

### CRISE DIRECTIVA?

No passado dia 10 do corrente, realizou-se na sede social do C. D. M. a segunda Assembleia Geral desta agremiação desportiva, para a eleição de novos corpos gerentes, conforme preceituam os seus estatutos.

Perante um desinteresse quase total, — e dizemos quase total, porque compareceu ainda, talvez, uma dúzia de sócios, incluindo os seus directores. O presidente da Mesa, sr. Manuel Lino, abriu os trabalhos, convidando para secretários, — pois até estes não compareceram, como seria de seu dever —, os sócios sr Tomás Pontes e o nosso redactor,

Na assembleia anteriormente efectuada, havia sido nomeada uma comissão composta pelos seguintes srs.: José Machado, Manuel Lino, e João Bastos Sargento,

O sr Manuel Lino deu conta das diligências efectuadas, sendo negativos os seus resultados, não havendo, portanto, nesta altura, nomes a indicar para futura direcção.

O Presidente da Direcção, sr. José Estevão da Silva Carvalho, pedindo a palavra, disse lamentar profundamente que a comissão não tivesse podido dar, «aparentemente», conta do recado, pois, no seu entender, talvez ela não houvesse trabalhado devidamente.

Seguidamente, o sr. Manuel Lino, pôs em aprovação uma proposta para que a comissão fosse dissolvida e nomeada outra, em sua substituição.

A proposta, depois de de-

Realizou-se no passado domingo, 14, no Campo «Luís de Almeida Fidalgo», desta vila, mais uma jornada a contar para o Campeonato Nacional da II Divisão, em que o Montijo defrontou, pela primeira vez, a equipa representativa do «Campo de Ourique Atlético Clube».

Alinharam, e marcaram:

MONTIJO — Tomás (19), José Maria (20), Teodomiro (12), Ribeiradio (8), Américo (2), Cepinha (2), Heitor e Mocho.

CAMPO DE OURIQUE — Macedo (2), Aires (24), Moreira, A. Alves (2), L. Alves (2), C. Ferreira e J. Ferreira.

## Basquetebol

Montijo, 63 - Campo de Ourique, 30

VITÓRIA FÁCIL DO MONTIJO

Crónica pelo redactor José Rosa

ÁRBITROS—João Máximo e Mário Barreto.

Antes do prélio começar, estávamos esperançados de ir assistir a uma boa partida de basquetebol, como a de há oito dias, entre o Montijo e o Algés, tanto mais que o Campo de Ourique faz parte das equipas da Divisão de Honra de Lisboa.

Mas tal não aconteceu, porque a equipa visitante foi sempre dominada.

Nos primeiros segundos da partida, os montijenses logo alcançaram os seus primeiros dois pontos, chegando, com relativa facilidade, a atingir os doze.

Só momentos depois os ouriquenses conseguiram marcar a sua primeira «cesta».

O Montijo, prosseguindo na mesma toada, chegou ao intervalo, vencendo o seu antagonista, pelo vantajoso resultado de 30-18.

No princípio da segunda parte, ainda se notou algum equilíbrio no jogo desenvolvido por ambas as turmas, mas a equipa da casa mais uma vez pôs a funcionar a sua eficaz meia-distância e, ao finalizar a partida, o marcador acusava: Montijo, 63 - Campo de Ourique, 30, resultado justo, pois os montijenses foram sempre senhores da situação.

Destacou-se, no conjunto lisboeta, o jogador Aires, actuando todos os montijenses, dentro do seu normal.

A arbitragem, foi regular.

(«A Província», N.º 256, 18-2-960)

## Tribunal Judicial da Comarca de Montijo Anúncio

(1.ª Publicação)

Pela 2.ª Secção da Secretaria Judicial desta comarca, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Gil Lopes, casado, comerciante, morador no sítio da Penalva, conceção do Barreiro, para, no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução sumária movida por Alvaro Pedro Durão, casado, comerciante, da Moita.

Montijo, 23 de Janeiro de 1960.

O Chefe da Secção,

a) Francisco António Faria

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

a) Adrião Angelino Alves Branco

Compra-se

PRÉDIO

Informa-se nesta Redacção.

ARTUR LUCAS

## Notícias diversas



## do Minho ao Guadiana



O supertanque português «Hermínios», de 39.000 toneladas — o primeiro navio a ser construído no Japão para Portugal — lançado à água no meio de uma nuvem de serpentinas, papéis coloridos e balões coloridos.

A senhora de Amaral Abrantes Pinto, esposa do adido de imprensa português, foi a madrinha do «Hermínios». Este petroleiro é um dos mais modernos e rápidos barcos do seu tipo até agora construídos no Japão, pois além de deslocar 39.000 toneladas, mede 205 metros de comprimento, tem 28,2 metros de largura e desenvolve velocidade de cruzeiro de 17 nós.

Para a vaga deixada pelo Dr. Mendes Correia foi eleito presidente da Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa o Prof. Herculano Amorim Ferreira. O novo titular da presidência é, actualmente, director do Serviço Meteorológico Nacional. Tem 65 anos e nasceu na ilha de S. Miguel. Entretanto, reunia a Classe de Letras, pela primeira vez, sob a presidência do Prof. Moses Amzalak.

Caiu granizo nos arredores do Funchal e na serra havia, em do mês findo, mantos brancos. Na cidade, porém, a temperatura não desceu abaixo de 16 graus e o ambiente era o do clima suave que, em pleno Inverno, caracteriza a Madeira e a favorece como estância turística sem par na Europa, durante a época.

De novo o S. N. I. abriu concurso para a atribuição do Prémio de Interpretação Musical, que lembra o nome da violoncelista Guilhermina Suggia, nome famoso em todo o Mundo. O prémio é de oito contos e este ano o instrumento escolhido pelo júri foi o violino.

Continuam em prova dezenas de filarmónicas, que participam no Concurso de Bandas de Música instituído pela Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho. As primeiras eliminatórias do distrito de Lisboa terminaram no Pavilhão dos Desportos, e os resultados só dentro de dois meses serão conhecidos. Milhares de pessoas se têm contado para a assistência às provas.

A Direcção Nacional da Juventude Católica Feminina mandou celebrar, na Basílica da Estrela, missa por intenção dos portugueses e dos outros mineiros soterrados em Clydesdale, na África do Sul.

O Ministério do Comércio Exterior de Itália, referindo-se ao acordo comercial italo-português para 1960, revelou que o contingente de açúcar, no valor de 300.000 dólares (8.100 contos) importado de Portugal este ano, será satisfeito com uma só qualidade do produto.

Segundo notícias de Darwin (Austrália), um barco de borracha foi visto apenas a 5 milhas da costa, durante um voo de busca para procurar o avião português que há dias desapareceu com nove pessoas a bordo. O barco foi descoberto pelos tripulantes de um avião da Real Força Aérea Australiana, perto de Cabo Van Diemel, ao norte de Darwin. Mais tarde, porém, a Real Força Aérea Australiana anunciou a suspensão das buscas.

O Museu Provincial José Malhoa, nas Caldas da Rainha, enriquecido com nove obras, mercê da generosidade de um grupo de artistas e de uma benemérita, segundo se anunciou numa reunião da Junta de Protecção da Estremadura. Ofereceram quadros: o escultor Leopoldo de Almeida, filho, Henrique Medina, Portela Júnior, Agostinho Fernandes e D. Júlia Paramontês.

Dois novos romancistas estão a escrever os seus primeiros romances: Afonso Botelho e Alfredo Margarido.

A Editora Arcádia, de Lisboa, anunciou para breve a publicação do volume «O que é o cinema», de José Ernesto de Sousa, e uma tradução do romance «A Matilha do Czar», de Tolstói.

## Lisboa

## CASA DO RIBATEJO

Em reunião da Assembleia Geral Ordinária, desta agremiação regional, realizada em 1 do mês corrente, foram eleitos os seus novos corpos directivos, que ficaram assim constituídos:

**Assembleia Geral** — Presidente, Dr. Manuel Facco Viana; Vice-Presidente, Eurico Ferreira Cabecinha; 1.º e 2.º Secretários, respectivamente, Dr. José Lopes da Costa e Constantino Henriques.

**Conselho Fiscal** — Presidente, Dr. Álvaro Frazão; Secretário, António José Patriarca; Relator, Rogério Rebelo da Silva; Suplentes, António Rodrigues e José Fernandes Neves.

**Direcção** — Presidente, Luis Costa Santos; Vice-Presidente, Major José Luís Ferraz; 1.º e 2.º Secretários, respectivamente, Fernando Ribeiro Gonçalves e Carlos Alberto de Sousa; Tesoureiro, Capitão Faustino José Domingues; Vogais, Maximiano Paulo e Benjamim dos Santos Violante; Suplentes, Afonso Serrão Gomes e António Capaz Vaz Neto.

**Conselho Regional** (representantes): Abrantes, Drs. Leonel Soares Ferro Alves e José d'Oliveira Vinagre; Alcanena, Dr. Álvaro Frazão e Benjamin Violante; Alcochete, Dr. Manuel Facco Viana e José André dos Santos; Alentejo, Constantino Henriques e João António Barbosa; Alentejo, Joaquim Assunção e Eurico Ferreira Cabecinha; Alentejo, Leonel Soares e Coronel Rui Pessoa de Amorim; Arruda dos Vinhos, José Munhoz Frade e Bernardo Bruno; Azambuja, Eng.º Bernardo M. Maia e Capitão Faustino José Domingues; Benavente, Dr. António J. M. de Almeida e Cândido L. Almeida; Cartaxo, Fernando Ribeiro Gonçalves e Alfredo R. G. Leal; Chamusca, Álvaro F. Amaral Neto e Álvaro M. Carvalho; Constância, Alfredo Moura e Maximiano Paulo, Coruche, Dr. António Capaz Coelho e António Ferreira; Entroncamento, Dr. José Vitor Neves e Franklin Rodrigues; Ferreira do Zêzere, Câmara Municipal de F. Zêzere, representada pelo Sr. Brigadeiro Jorge Oom e Casa Regional de Ferreira do Zêzere; Golegã, Dr. José Dias Duque e António Serrão Barreiros; Moita do Ribatejo, Luis Costa Santos e José Gomes de Carvalho; Montijo, Eng. V. Santos Fernandes e Capitão Francisco M. Repas; Ponte de Sor, Eng. José M. V. M. Góis do Bocage e António José Patriarca; Rio Maior, Dr. José Marques de Almeida e Edmundo V. Coelho; Salvaterra de Magos, Rui de Sousa Vinagre e José Mayer; Santarém, Eng.º José Miranda Coutinho e Dr.ª Adelaide Félix; Sardoal, Joaquim Lopes da Neta e Capitão Luís Esteves; Sobral de Monte Agraço, Manuel Neves e António Maria F. Dias; Tomar, Casa do Concelho de Tomar e Francisco Elias de Matos; Torres Novas, Major José Luís Ferraz e Dr.ª D. Maria Teresa Paulo; Vila Franca de Xira, Fausto Nunes Dias, Eng.º Sidónio Nunes Dias e Carlos A. Sousa; Vila Nova da Barquinha, Evaristo J. Vieira e Feliciano P. Barral.

A posse dos novos eleitos realizou-se em 18 do corrente, pelas 22 horas, e a todos os endereçamos as nossas saudações com os votos das maiores prosperidades para a nossa Casa Regional.

## Trafaria

Vão em progresso as obras públicas desta localidade, quer as da Avenida Dr. Oliveira Salazar, pela Câmara de Almada, quer as dos cais fluviais, pela Administração Geral do Porto de Lisboa.

Estão prontos os esgotos, sarjetas e, parcialmente, o calcetamento. As obras dos cais devem estar concluídas antes do início do Verão, salvo a gare, que ainda não foi adjudicada.

Outra obra de certo valor vai, também, efectivar-se: o prolongamento da Rua Dr. Aquiles Monteverde, que estava emparedada por um quintal.

Terminaram as diligências para a troca dos terrenos entre as entidades em causa. Mas o problema urbanístico da Trafaria depende do parcelamento das matas nacionais, que asfixiam esta povoação, porque sómente a cedência destes terrenos facultariam o alargamento urbano.

Esperamos que a Direcção-Geral das Matas Nacionais e a Câmara Municipal cheguem a acordo, a exemplo do que fizeram na Costa de Caparica, pois a Trafaria, já pela sua posição privilegiada, já pela densidade populacional, necessita-o e merece.

O engrandecimento da terra interessa às populações pobres da capital, pois é aqui onde vêm morar os menos afortunados. Tenhamos fé na justiça dos homens!



ASSISTÊNCIA  
TÉCNICA VW

Secção de João Ramos  
Rua José Joaquim Marques, 6  
Telef. 030 3 97 — MONTIJO

## Setúbal

## PESCA

O Clube de Amadores de Pesca de Setúbal tem estado em festa comemorativa do 3.º aniversário da sua fundação.

Na noite de 1 do corrente teve lugar a sessão solene alusiva a esse facto, presidida pelo Sr. Governador Civil, Dr. Miguel Bastos, ladeado pelos Srs. Presidente da Câmara, Comandante da Polícia de Segurança Pública, representante do Sr. Capitão do Porto de Setúbal e o Presidente da Assembleia Geral do Clube, Sr. Dr. Serra Pinto, o qual, agradecendo a presença das entidades oficiais, focou alguns dos aspectos da colectividade e das suas actividades, desde a sua fundação até ao presente. Seguiu-se a distribuição de inúmeras taças e medalhas.

Encerrou a sessão o Chefe do Distrito, felicitando os dirigentes do clube e referindo-se à intensa actividade ali praticada, fazendo votos pelas suas prosperidades.

Seguidamente houve um «Moscatele de Honra», oferecido às entidades presentes e demais convidados.

No dia 3, o sr. João Francisco Envia proferiu uma palestra sobre «Pesca» e foram exibidos alguns filmes culturais.

No dia 6, houve um baile familiar e no dia 10 efectuou-se uma festa com variedades, terminando as cerimónias comemorativas no dia 13, com uma ceia de confraternização.

## VISITAS

Visitaram Setúbal, no passado domingo, a convite do Real Clube «Os Celtas», desta cidade, os dirigentes e filiados do Centro Escolar N.º 1 da Mocidade Portuguesa, do Montijo.

Os visitantes percorreram, na parte da manhã, os Museus de Pesca e Oceanográfico, Câmara Municipal e Comissão Municipal de Turismo, Igreja de Jesus, Estádio do Vitória, Centro de Vela N.º 4, da M. P.

Seguiu-se um almoço de confraternização e depois, na sala dos Bombeiros Municipais, teve lugar uma partida de ténis de mesa, que terminou com o triunfo dos montijenses por 5-4.

## Gráfica Montijense, Limitada

Por escritura de 6 de Agosto de 1958, exarada a fls. 3 verso e seguintes do respectivo livro n.º 7 B, do cartório notarial de Montijo, entre José das Neves Rodrigues, Manuel da Veiga Marques Júnior e José Dias Tavira, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que será regida pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a denominação «Gráfica Montijense, Limitada», tem a sua sede em Montijo, conta-se o seu início de hoje e durará por tempo indeterminado;

2.º — O seu objecto é a indústria de tipografia, podendo exercer qualquer outro ramo, comercial ou industrial, mediante deliberação dos sócios, e que seja permitido por lei;

3.º — O capital social é de 15.000\$00, todo realizado a dinheiro, corresponde à soma das quotas dos sócios, que são de 5.000\$00 cada uma;

4.º — Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios podem fazer os suprimentos à Caixa, quando deles necessite, mediante as condições estabelecidas e constantes de acta.

5.º — A cessão total ou parcial de quotas ficam dependentes do consentimento recíproco dos sócios;

6.º — A gerência será exercida por todos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, com dispensa de caução, sendo obrigatório que assinem em conjunto para a sociedade ficar obrigada;

7.º — Aos gerentes é porém defeso usar a denominação social em actos e contractos que não digam respeito aos negócios da sociedade, tais como abonações, fianças, letras de favor e outros semelhantes;

8.º — Em trinta e um de Dezembro de cada ano, dar-se-á o balanço geral, que deverá estar concluído e aprovado nos 90 dias subsequentes, e os lucros líquidos nele apurados, depois de deduzidos 5% pelo menos, para o fundo de reserva legal, ou os prejuízos, serão divididos, ou suportados pelos sócios na proporção das suas quotas;

9.º — Ocorrendo falecimento de qualquer sócio os seus herdeiros e demais representantes, nomearão dentre si, um que a todos represente na sociedade, sem o que não terão nela qualquer ingerência.

10.º — O representante assim nomeado assumirá desde logo também a gerência da sociedade;

11.º — Esta sociedade dissolve-se unicamente nos casos legais e em qualquer caso de dissolução serão liquidatários os sócios, que procederão à liquidação e partilha conforme acordarem e for de direito.

Montijo, 10 de Fevereiro de 1960.

O Ajudante do cartório  
Manuel Cipriano Rodrigues Futre

## Baixa da Banheira

## Festejos a S. José-Operário

Embora estejamos ainda a uma distância de cinco meses da sua realização, já podemos noticiar que a Comissão Promotora das grandes Festas a S. José-Operário, a efectuar nesta localidade, nos dias 9, 10, 11 e 12 de Julho p.º futuro (conforme a circular, publicada no nosso jornal, número 250, de 8-1-1960), esta já iniciou, com o maior entusiasmo, os trabalhos preliminares para a realização dos referidos festejos.

É que o programa a levar a efeito constará de, entre outros números, solenidades religiosas, concertos musicais, exibição de ranchos folclóricos, arraial, feira franca e fogos de artifício, etc.

A referida Comissão desde já poderá contar com as modestas colunas do nosso jornal para relatar os seus noticiários e para quem vão os nossos melhores votos pelos seus brilhantes sucessos.

**Espectáculo de variedades** — Efectua-se no Clube União Banheirense «O Chinquillo», desta progressiva localidade, no dia 27 do corrente, pelas 20.30 horas, um interessante espectáculo cultural e recreativo, em organização da Comissão Cultural Banheirense, cujo produto de receita líquida reverterá a favor da construção da nossa futura igreja local.

O seu programa é assim constituído:

Execução ao piano pela jovem pianista menina Maria Cristina Cabrita dos Santos; canções e fados por Maria Cristina Peres, Eteylina da Silva Gaspar e o jovem João Martins, sendo acompanhados pelos irmãos Carregosa; declamação pelo apreciado artista Mário Sarzedas; conferência cultural pelo jovem estudante e nosso colaborador sr. Carlos Manuel; Mister Radek, o mago do hipnotismo, com números de sugestão mental e transmissão de pensamento.

Serão locutores deste espectáculo os srs. Vitor Manuel e José Teresa, bem estimados pela população banheirense.

Os bilhetes para este valioso espectáculo estão desde já à venda no Café do Zé Maria e no referido clube.

**Ginásio A. C. Banheirense** — Após alguns meses de interrupção, mas mercê dos incansáveis esforços da Comissão Pró-Casa desta prestimosa colectividade, tiveram há pouco o seu início os trabalhos de construção da nova sede, cujo empreendimento, depois da sua conclusão, se creve vir a ser um dos mais notáveis e de maior importância e vulto no nosso meio.

Segundo informações do presidente da citada Comissão, quando da nossa última visita de há dias às referidas obras, conta-se levar até final esta derradeira fase de construção, ou pelo menos fazer-lhe a sua cobertura.

Mais uma vez fazemos sinceros votos para que as suas justas aspirações se tornem realidade.

Realizou-se ultimamente a Assembleia Geral ordinária desta colectividade cultural e desportiva da Baixa da Banheira, para eleição de corpos gerentes para o ano actual.

Com numerosa assistência de associados, foram votados os seguintes consócios:

**Mesa da Assembleia Geral** — Presidente, Mário de Oliveira; Vice-Presidente, Joaquim Viegas; 1.º e 2.º Secretários, respectivamente, Camilo de Jesus e Joaquim Marques Adriano.

**Direcção** — Presidente, Gabriel Fernandes de Sousa; Vice-Presidente, Manuel Rodrigues de Sousa, 1.º e 2.º Secre-

tários, respectivamente: Guilhermino Lopes Garcia e Joaquim Santana Mira; Tesoureiro, António Rodrigues Foinho; 1.º e 2.º Vogais, respectivamente José Campante Ortiz e Manuel Garcia Ferreira; Suplentes, Jorge Mateus Matos, José Francisco Caracóis, António Duarte Pratas e José Dionísio.

**Conselho Fiscal** — Presidente, Moisés da Silva Narciso; 1.º Secretário, João Eduardo Mendes Chagas; Relator, Dionísio de Oliveira R. Leitão. **Delegados à Federação das Colectividades C.ª e Recreio** — Fernando Veiga Nunes e Manuel Carlos Martins Miranda.

Aos novos eleitos endereçamos as nossas efusivas saudações e votos de feliz êxito no desempenho dos seus honrosos cargos.

**Abertura de valas** — Apraz-nos dar aos nossos prezados leitores a grata notícia de que tiveram o seu início, no pretérito dia 3 do corrente mês, os trabalhos de abertura de valas e ensaios de assentamento de canalização para a tão almejada distribuição de águas ao domicílio!

Como era de esperar, este acontecimento veio provocar o maior dos contentamentos no povo banheirense.

A propósito do andamento rápido destes trabalhos, já ouvimos alguns comentários, e entre esses o seguinte, que achamos muito interessante, proferido entre duas habitantes desta terra: «Vá lá, que já podemos dar graças a Deus e ao Sr. Dr. Pires da Costa, porque se não fosse ele!...».

## Estoril

## O CARNAVAL INTERNACIONAL DO ESTORIL

Tudo se apresta para que o Carnaval Internacional do Estoril venha a ter, este ano, ainda maior brilhantismo e mais animação do que o do ano passado, para o que concorrerão, sem dúvida, uma organização metódica e trabalhada com a necessária antecedência e os ensinamentos obtidos em 1959.

Fernandel, o grande e popular artista francês, será o Rei do Carnaval do Estoril. A seu lado aparecerão algumas outras notabilidades do Mundo artístico, que virão dar realce às festas a realizar no encantador Parque e no Casino do Estoril.

Numerosos e lindíssimos carros, cavaleiros, música alegre, gigantones, cabeçudos, etc., formarão o corso.

Quatro grandiosos bailes, no Casino, proporcionarão outras tantas inesquecíveis noites de arrebatador prazer.

A Costa do Sol, graças a esta arrojada iniciativa da Sociedade Estoril-Sol — à qual prestam a mais decidida e justificada colaboração os organismos oficiais — vai viver quatro dias de entusiástica folia, sendo de esperar enorme afluência de público de bém, grande concorrência de estótos os pontos do País e, estrangeiros, atraídos pela fama que deixou, dentro e fora das nossas fronteiras, o Carnaval do Estoril do ano findo.

Os preços das entradas serão bastante mais baixos, o que importa pôr em realce, e haverá, ainda, uma outra razão para que o público ali não falte: entre a assistência será sorteado um magnífico automóvel — um DKW Júnior!

Auguramos ao Carnaval Internacional do Estoril - 1960 um êxito clamoroso e que bem servirá o País pela óptima propaganda turística que representa para a encantadora Costa do Sol.

# ENCICLOPEDIA

## O VALOR ALIMENTÍCIO DAS LARANJAS

As laranjas contam-se entre os alimentos mais importantes para corrigir a excessiva acidez do sangue e do organismo. Embora muita gente pense que o sumo de laranja produz efeito ácido, isso não é verdade. É fruta altamente alcalina.

Cerca de 87% da laranja é água. E da mais pura, daquela que não necessita ser clorada, iodada, ozonificada ou filtrada, para formar uma bebida saudável e pura. Foi purificada no laboratório da natureza, durante o crescimento, enquanto os raios do sol iam amadurecendo o fruto.

Apenas 1% da laranja é proteína e gordura. Por isso é fruta excelente para contrabalançar e proteína excessiva

## DE SICCA E O CINEMA



Vittorio de Sica, o famoso realizador cinematográfico italiano que nos ofereceu, entre outros filmes, «Ladrão de Bicicletas», «Milagre de Milão», «Humberto D.», «Estação Terminus», «O Teto», etc, expressou-se assim quanto ao valor e objectivos da 7.ª arte:

«Um olhar assustado de garoto interrogador, inquieto da vida que vem, um sorriso feliz para a vida que canta, valem mil vezes mais que todas as coisas reunidas de Hollywood...»

«O melhor cinema deve continuar a sua estrada, aquela que lhe é ditada pela realidade humana e social contemporânea. Ela dá-lhe a sua razão de ser, o seu carácter nacional e o seu valor universal. É-lhe necessário andar para a frente, audaciosamente, e lutar contra todos os obstáculos económicos e políticos, o desafio e a hostilidade que encontrar à sua frente.»

«Hoje, nós não temos o direito de empregar a nossa câmara, esse maravilhoso e formidável meio de expressão, para banalidades.»

dos alimentos gordos de que muitos abusam. Mais de 11% da laranja é constituído pela polpa, a qual actua como limpador do tubo digestivo, com manifesto benefício de todos aqueles que sofrem do estômago ou de úlceras intestinais.

Mais de 1% da laranja é material mineral, formando sais absolutamente necessários ao organismo. Quer isto dizer que ela contém potássio para erigir o edifício dos músculos fortes; cálcio, para formar a base mineral dos dentes, dos ossos, das cartilagens e dos tendões; magnésio, para cimentar os ossos e os dentes, tornando-os duros e fortes; fósforo, para alimento dos nervos e do cérebro; ferro, para constituir a matéria corada do sangue, a hemoglobina; sódio e cloro, para fornecer ao sangue a sua quantidade normal de sal; enxofre, para estimular a limpeza e o asseio da pele, através dos poros; cobre, para auxiliar o crescimento dos corpúsculos vermelhos do sangue, manter a temperatura normal do corpo, alimentar o cabelo, as unhas, o esmalte dos dentes, etc.

As laranjas possuem um conteúdo em açúcar que o corpo absorve facilmente. Em alguns casos (raros) parece actuar como elemento alérgico, produzindo asma, coceiras, prisão de ventre, espinhas, dores de ventre, artrismo e outros sintomas. Isso, porém, o mais das vezes, é resultado das violações e deficiências da alimentação geral, mais do que das propriedades alérgicas das laranjas.

Uma laranja de tamanho médio contém, em média, 50 calorias e é muito rica em vitamina C. Para isso, porém, é necessário comer o bagaço. Contém igualmente vitaminas A, B, C, D, e G. O sumo de laranja é de digestão fácil, permanecendo no estômago apenas uma hora, mais ou menos.

## SABEDORIA POPULAR

(Provérbios)

—Quem deseja ordenar o mundo, não segue o mundo.

—No saber ninguém se rende senão o sabedor.

—Quem murmura, a muito se aventura.

—O virtuoso não segue o proveitoso.

—Sol e boa terra fazem bom gado, e não pastor afamado.

## DOENÇAS DO INVERNO

O Inverno «bioclimático», isto é, o Inverno «sentido e visto» pelos seres vivos, situa-se entre 15 de Novembro e 15 de Fevereiro. Este período afigura-se nos o mais duro do ano. É, porém, realmente o pior?

Sem dúvida, as estatísticas acodem a confirmá-lo; há nítida predominância invernal de doenças e casos de morte.

Desde o Outono, consoante se referiu (29 de Outubro), que os organismos animais e humanos são submetidos a ritmo descendente. Esta diminuição das trocas, dos reflexos de defesa, numa palavra, de todo o tonus vital, atinge no Inverno o seu máximo. É exactamente em Dezembro-Fevereiro, que a nossa vitalidade se encontra no ponto mais fraco.

Este abaixamento das nossas forças está em relação com o empobrecimento geral. A alimentação que absorvemos é menos rica em vitaminas e em sais minerais; sabe-se como durante o Inverno, de Novembro a Abril, o teor do leite de vaca em vitaminas se mantém no nível mais baixo e isto em virtude da fraqueza da radiação solar. Estes efeitos, que indirectamente sofremos, por igual directamente os sofremos: nós, também, nos sentimos da falta de luz, de calor e de raios ultra-violetas.

Sobre os organismos fracos (velhos, crianças de tenra idade, deficientes crónicos), esta diminuição natural de defesa tem especial importância e compreende-se que o Inverno seja particularmente perigoso. Mas, nos indivíduos sadios, igualmente se encontra a mesma situação de afrouxamento e eis o que explica acharmo-nos todos nesse momento mais permeáveis aos ataques microbianos ou aos fenómenos mórbidos. O terreno não está, nesse momento, menos bem defendido.

### Menos ultra-violetas e luz

Assim, um dos grandes defeitos do Inverno é a diminuição e por vezes o desaparecimento da irradiação ultra-violeta. Esta seria, pensa a medicina moderna, a primeira causa da recrudescência das doenças durante a má estação.

O Sol é, com efeito, a própria fonte da vida. A maravilhosa luz que nos fornece, é alimento do homem, bem como da planta, e, até, o seu primeiro alimento, comparável na sua importância às vitaminas ou aos produtos endócrinianos.

Os raios ultra-violetas, enviados pela luz solar, exercem

sobre todo o organismo profunda acção excitante. São necessários às nossas trocas internas, ao chamado metabolismo. A sua acção estimulante sobre as glândulas de secreção interna, em particular as genitais, é nítida. São conhecidos os seus efeitos repousantes, a impressão do bem-estar que provocam quando associados aos raios visíveis do sol derramados em claro céu.

Quando a luz é insuficiente, as nossas provisões de cálcio e fósforo diminuem. A aceleração de movimentos respiratórios (mais frequentes quando a irradiação ultra-violeta afrouxa), combinada à acção do frio, favorece a eclosão das acções bronquiais e pulmonares.

A famosa vitamina D, verdadeira vitamina do Sol, favorece, quando falta, as carências inverniais: predisposição para os doenças, despertar ou agravamento da tuberculose, anemia, afecções epidémicas, etc.

Os micróbios experimentam, de resto, as influências das estações que lhe modificam a virulência. Quase todas as doenças microbianas: gripes, doenças das crianças, entre outras, são bem mais frequentes durante o inverno.

### As doenças devidas ao frio

Desde sempre, o abaixamento da temperatura aparece como o elemento mais de recear no inverno.

Frio intenso representa choque nefasto para o organismo e, quando excepcional, pode ser funesto, provocando a congestão brutal dos órgãos.

Destes, os mais expostos, são, sem contestação, os pulmões, particularmente nos indivíduos de fraca resistência: crianças de poucos anos, doentes e tarados (alcoólicos). Neste meio de cultura ideal, os micróbios germinam com «entusiasmo»...

Acrescente-se serem perigosos os grandes frios para os cardíacos e sobretudo os arteriosclerosos. O frio expulsa, com efeito, o sangue da superfície da pele para o interior do corpo. Daí resulta a sobrecarga da circulação sanguínea normalmente mitigada pela elasticidade das artérias e adaptação do ritmo do coração. Ora, nos cardíacos, esta adaptação faz-se mal. Eis por que devem evitar os grandes frios.

## Falar de mestres

(Pensamentos)

—As paixões são os únicos oradores que têm a arte de persuadir sempre. — *La Rochefoucauld.*

—A capacidade do espírito alarga-se e restringe-se com o hábito. — *Nicole.*

—Não há misteres estúpidos; há simplesmente estúpidas criaturas. — *Jules Simon.*

—A vontade é um corcel que os obstáculos não detêm. — *Angele Massina.*

—Não há dever que, cumprido, possa deixar de fazer-nos felizes, nem tentação contra a qual não haja remédio. — *Sêneca.*

—A natureza pôs a felicidade ao alcance de toda a gente. O caso é sabê-la escolher. — *Lucrécio.*

—A ignorância é uma maldição de Deus; a ciência a asa que nos faz subir até ao céu. — *Shakespeare.*

## MONTIJO

*Junto a ti há mistérios de princesa,  
Musa que canta ébria de saudade  
O teu condado, simples realeza  
Onde o trabalho é Lei, Diva a verdade...*

*Foi por amor que um velho amante,  
Onde as ninfas mergulham garbosas,  
Quis teu amor não fosse avante,  
Pondo entre ti suas águas buliçosas...*

*E assim sereno jazes afastado,  
Enraticado ao veres que o Tejo  
Tão bela dama houvera desposado...*

*Porém, tu tembras um altar sagrado,  
Loura seara junto ao Ribatejo,  
Que tens aos pés o Tejo ajoelhado...*

J. Magalhães de Barros

(1.º cabo aviador)

Base Aérea 6, Montijo